

N.º: Gp0676-XI
Proc.º: 30.06.01.20
25.04.01.04
Data: 18.07.2018

Interpelação ao Governo Regional – O estado da Região ao nível político, económico e social

Exma. Senhora Presidente,

Senhoras e Senhores deputados,

Senhoras e Senhores membros do governo,

O CDS apresentou a presente interpelação com o sentido de confrontar o governo com o estado da Região ao nível político, social e económico.

Fizemo-lo porque, ao fim de 22 anos, e a meio desta legislatura, impõe-se, em nome da verdade e da responsabilidade perante os açorianos, fazer o diagnóstico dos resultados desta governação socialista.

Foi-nos dito que o tema desta interpelação era demasiado genérico. Que pretendíamos discutir sobre tudo. Que não podia ser. Que teríamos que precisar. Para o CDS era expectável que assim fosse. Não se pode pedir a uma maioria que não quer discutir sobre nada que aceite debater sobre tudo.

Mas é sobre tudo que queremos falar. Queremos falar sobre o estado da nossa política. Queremos falar sobre o estado do nosso desenvolvimento social. Queremos falar sobre o estado da nossa economia. Queremos, em suma, falar sobre aquilo que entretece e preocupa a vida dos açorianos.

Queremos discutir o estado da nossa política porque o poder político socialista, na nossa região, a cada ano que passa, torna-se mais autocrático, provocando, em consequência, a anomia das nossas instituições.

Queremos discutir a nossa economia porque as permanentes políticas de subsídio socialistas fazem com que a Região continue a marcar passo, quando não a regredir, nos crónicos indicadores do nosso atraso estrutural, apesar dos milhões e milhões que tivemos para gastar.

Senhoras e Senhores deputados,

Senhoras e Senhores membros do governo,

A verdade é que, passadas mais de 4 décadas de autonomia, sobretudo nas áreas regionalizadas, como a saúde e a educação, não só não melhoramos mais do que as outras regiões do país, como continuamos na cauda das regiões portuguesas.

É por isso que queremos falar da saúde. Para nós, a saúde dos açorianos é uma prioridade absoluta que necessita de uma atenção permanente e mudanças urgentes. Não podemos aceitar, e muito menos tolerar, que cerca de 11 mil açorianos estejam em lista de espera para uma cirurgia.

Envergonha-nos que os doentes açorianos tenham de aguardar em média mais de 400 dias por uma cirurgia, sendo que essa espera ultrapassa mais de 1100 dias em cirurgia plástica e mais de 600 dias em ortopedia, cirurgia vascular e urologia.

Se considerarmos que em Portugal Continental, o tempo médio de espera é apenas 3,1 meses, constatamos que um açoriana espera, para ser operado, cinco vezes mais do que um residente no Continente.

A pergunta que se impõe é: para que serviu e para que serve esta Autonomia para os Açorianos?

Ainda na saúde, e relativamente ao cancro, em 2010, a Região Autónoma dos Açores registou a incidência mais elevada para o cancro da laringe e do pulmão no homem. Em 2017, continuamos com a maior mortalidade no caso do cancro do pulmão e na mortalidade por cancro da mama, bem como por cancro do colo do útero onde estamos no topo da tabela. Na mortalidade padronizada por cancro, onde se incluem todas as neoplasias, estamos, mais uma vez e infelizmente, no topo da tabela, ou seja, morremos mais por cancro do que um residente no território nacional.

Recordo aqui e agora que, em 2016, o Presidente do Governo anunciou, solenemente, nesta casa, que iria aumentar o imposto sobre o tabaco para combater o flagelo do cancro.

Senhor Presidente, quantos milhões foram arrecadados e como foram usados?

Senhoras e Senhores deputados,

Senhoras e Senhores membros do governo,

Claro que todos estes fatores não têm apenas a ver com determinantes de saúde, mas também com as condições sociais com que se vive na Região Autónoma dos Açores.

É por isso queremos falar sobre a pobreza.

No índice de Gini, indicador que avalia a desigualdade na distribuição do rendimento, em 2014, nos Açores, o índice aumentou, em relação a 2009, para 37,3%, ou seja, mais 2,5 pontos percentuais, situando-se acima da média nacional, que é de 35 %.

Além disso, o número de beneficiários do RSI, nos Açores, aumentou em março de 2018, seguindo a tendência de crescimento que se registou durante sete meses consecutivos, sendo que, em setembro de 2017, beneficiavam do RSI cerca de 17 mil açorianos, e em março de 2018 já eram cerca de 19 mil açorianos.

Outro indicador da pobreza nos Açores é a percentagem de alunos matriculados que são beneficiários da ação social escolar, que, nos Açores, no ano letivo 2016/2017, foi de 64,2%. Este valor representa um incremento de 22 pontos percentuais, em relação ao ano letivo 2006/2007.

Em conclusão, foi uma década a criar mais pobreza na região.

É neste quadro que a esperança média de vida à nascença, nos Açores é de 77 anos, enquanto que em Portugal Continental é de 80 anos. Atualmente, tanto na esperança média de vida à nascença como na esperança média de vida aos 65 anos, estamos em último lugar, ou seja, vivemos menos anos do que em todas as outras regiões do país.

Impõe-se novamente a pergunta: para que serviu e para que serve esta Autonomia para os Açorianos?

Senhoras e Senhores deputados,

Senhoras e Senhores membros do governo,

Queremos também falar na educação porque é essencial para o desenvolvimento social da Região e interessa referir os vários exemplos do falhanço das políticas socialistas nesta área.

Na taxa de abandono precoce de educação e formação, de 2011 a 2017, é certo que baixamos de 43,8% para 27,8%, mas continuamos longe dos 11% do Continente.

Regista-se ainda, como altamente negativo para a educação, a taxa de população com 15 ou mais anos sem o ensino secundário. Nos Açores é 70%, o que quer dizer que apenas 3 em cada 10 açorianos têm o ensino secundário completo.

Relativamente à taxa de população com o ensino superior, ficamos apenas pelos 13%.

Outro elemento interessante de analisar é a aprendizagem ao longo da vida. No espaço de tempo entre 2007 e 2016, os Açores foram a região portuguesa que teve a mais reduzida evolução na formação de adultos, 12,2 pontos percentuais, enquanto que a Madeira foi a região portuguesa com a melhor evolução, aumentando 25 pontos percentuais, sendo que o total nacional foi de 19,3 pontos percentuais.

Relativamente à proporção de pessoas que conhece pelo menos uma língua para além da materna, os Açores estão em último lugar. Apesar da evolução, não foi suficiente para ultrapassar ou pelo menos igualar as outras regiões. Em 2016, apenas 61,8% da população adulta açoriana sabia outra língua para além do português quando, na Madeira, esta percentagem era de 79%, no Centro era de 72,5% e no Alentejo era de 66,5%.

Fica mais uma vez a pergunta: para que serviu e para que serve esta Autonomia para os Açorianos?

Senhoras e Senhores deputados,

Senhoras e Senhores membros do governo,

Como corolário disto tudo, não espanta, pois, que a Região Autónoma dos Açores, em 25 regiões de NUTS III, ocupe um constrangedor penúltimo lugar no índice de desenvolvimento regional e um vergonhoso último lugar no índice de coesão.

É assim a realidade da vida dos açorianos.

Uma realidade que não muda enquanto perpetuarmos as políticas de baixos salários que condicionam permanentemente a mobilidade social e aumenta, em consequência, as dificuldades das nossas famílias.

Uma realidade que não muda enquanto não conseguirmos promover a realização dos nossos jovens que são obrigados a partir sem esperança no futuro da região.

Uma realidade que não muda enquanto não forem implantadas políticas que permitam o desenvolvimento de um mercado interno que alavanque a economia das nossas ilhas.

Não é este o caminho que interessa aos Açores.

Os açorianos não podem continuar a ter um governo que não governa e que hipoteca, a cada dia que passa, os legítimos anseios dos Açorianos e o futuro da nossa Região.

22 anos de governação PS é muito tempo. Tempo que demonstra uma fundamental constatação para o futuro dos Açores: o desenvolvimento económico e social da Região não é um objetivo alcançável com esta maioria socialista.

Aos Açorianos não basta terem Autonomia, é preciso um bom governo.

Artur Lima